

Economia.

Atalho para
cancelar contratos
de telefonia
Pág. 35

EDITORA:
ELAINE SILVA
ecferreira@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8327
agazeta.com.br/dinheiro

gazetadinho

DESENVOLVIMENTO

PROJETOS ATÉ 2017

ESTADO TERÁ R\$ 113 BI

E 200 MIL EMPREGOS

Litoral Sul é a região mais visada, com recursos de R\$ 47,8 bi

ABDO FILHO
afilho@redgazeta.com.br

Até 2017 serão investidos R\$ 113,019 bilhões no Espírito Santo. O montante é R\$ 12,31 bilhões acima dos R\$ 100,7 bilhões do período anterior (2011/2016) e será responsável pela abertura de até 200 mil empregos nos próximos quatro anos. A previsão é do Instituto Jones dos Santos Neves, órgão do governo capixaba que compilou todos os projetos, públicos e privados, acima de R\$ 1 milhão anunciados para o Estado no período entre 2012 e 2017. De acordo com o instituto, em 2011, foram concluídos projetos da ordem de R\$ 5,8 bilhões, e, em 2012, foram adicionados outros R\$ 18,1 bilhões.

A distribuição geográfica dos investimentos segue muito desproporcional. As microrregiões do litoral – Metropolitana, Rio Doce, Litoral Sul e Nordeste – abocanham simplesmente 96,3% destes R\$ 113 bilhões. O Litoral Sul, com um investimento anunciado para os próximos anos de R\$ 47,84 bilhões, se consolida como a região mais visada do Espírito Santo em termos de novos projetos. Ela é seguida por Metropolitana (R\$ 30,05 bi), Rio Doce (R\$ 25,39 bi) e Nordeste (R\$ 5,52 bi).

As outras seis microrregiões do Estado, todas elas no interior – Central Sul, Centro-Oeste, Sudoeste Serrana, Noroeste, Caparaó e Central Serrana –, recebe-

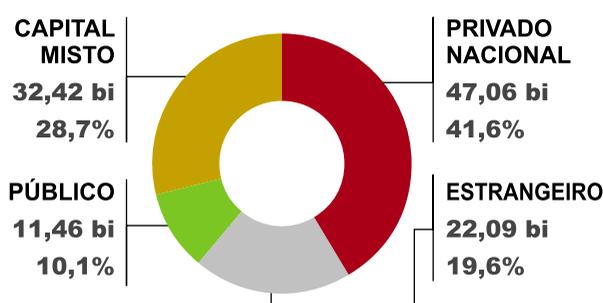
CARTEIRA CAPIXABA

Os investimentos anunciados para o Espírito Santo de 2012 a 2017. Ao todo são **1.395 projetos**. Só entraram os com orçamento acima de **R\$ 1 milhão**.

Para o período 2011/2016, a carteira era de **R\$ 100,7 bilhões**. Em 2011, foram entregues empreendimentos da ordem de **R\$ 5,8 bilhões** e, em 2012, foram adicionados **R\$ 18,1 bilhões** em novos projetos.

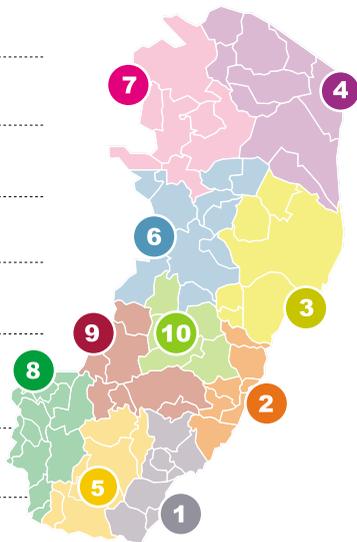
Desta forma, a carteira de investimentos 2012/2017 chegou a **R\$ 113,019 bilhões**.

ORIGEM DO CAPITAL (EM R\$)



DISTRIBUIÇÃO POR REGIÃO (EM R\$)

1 LITORAL SUL	47,84 bi (42,3%)
2 METROPOLITANA	30,05 bi (26,6%)
3 RIO DOCE	25,39 bi (22,5%)
4 NORDESTE	5,52 bi (4,9%)
5 CENTRAL SUL	1,25 bi (1,1%)
6 CENTRO-OESTE	1,07 bi (0,9%)
7 SUDOESTE SERRANA	706,2 milhões (0,6%)
8 NOROESTE	538,8 milhões (0,5%)
9 CAPARAÓ	399,8 milhões (0,4%)
10 CENTRAL SERRANA	241,4 milhões (0,2%)



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves

OS INVESTIMENTOS POR SETOR (EM R\$)

Sector	Valor (R\$)	Porcentagem
INFRAESTRUTURA	62,38 bi	55%
• Energia	41,86 bi	37%
• Terminal portuário, aeroportuário e armazenagem	13,44 bi	11,9%
• Transporte	7,07 bi	6,3%
INDÚSTRIA	33,62 bi	29,7%
COMÉRCIO, SERVIÇO E LAZER	10,32 bi	9,1%
OUTROS SERVIÇOS	6,68 bi	5,9%
• Saneamento e urbanismo	4,23 bi	3,7%
• Saúde	1,02 bi	0,9%
• Educação	804,2 milhões	0,7%
• Segurança	607 milhões	0,5%

NÍVEL DE EXECUÇÃO DAS OBRAS

Sector	Nível de Execução (%)
INFRAESTRUTURA	61%
• Energia	79,7%
• Terminal portuário, aeroportuário e armazenagem	24%
• Transporte	20,9%
INDÚSTRIA	38,3%
COMÉRCIO, SERVIÇO E LAZER	60,5%
OUTROS SERVIÇOS	55,1%
• Saneamento e urbanismo	57,1%
• Saúde	50,8%
• Educação	61,8%
• Segurança	39%
MÉDIA DO ESTADO	53,9%

A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

ção, juntas, um aporte de R\$ 4,2 bilhões até 2017.

Com relação aos setores que mais investirão no Estado, o de infraestrutura (energia, armazenagem e transporte), como nos últimos anos, segue na frente, com uma participação de 55,2% (R\$ 62,38 bi) sobre o total. Na sequência vêm indústria (29,7%); comércio, serviço e lazer (9,1%); e demais serviços (5,9%).

O levantamento do Instituto Jones também apurou o nível de execução da carteira. Na média, 61% dos projetos de infraestrutura já estão em execução (o IJSN considera em execução os projetos com licença de instalação). Chama atenção, entretanto, o fato do nível de execução do grupo energia (79,7%), predominantemente composto pelos investimentos da Petrobras, estar muito acima dos investimentos em terminais portuários, aeroportuários e armazenagem (24%) e em transporte em geral (20,9%), aportes quase que exclusivamente de responsabilidade dos governos.

Na indústria, só 38,3% dos projetos anunciados já estão de posse da licença de instalação. Na parte de comércio, serviço e lazer, esse índice está em 60,5%. Dos investimentos anunciados para segurança pública, só 39% estão em execução, índice bem inferior aos de meio ambiente (86,5%), educação (61,8%), saneamento e urbanismo (57,1%) e saúde (50,8%).

CSU segue nos planos da Vale

Empresa avisa que não desistiu da siderúrgica, mas ferrovia litorânea está fora de cogitação

▄ **ABDO FILHO**
afilho@redgazeta.com.br

Com um orçamento inicial de US\$ 5 bilhões, as obras da Companhia Siderúrgica de Ubu (CSU), de acordo com o cronograma original elaborado pela Vale, começariam em 2011 e seriam entregues em 2014, mas, até agora, nada saiu do papel. Ainda assim, o projeto da CSU segue na carteira de investimentos previstos para o Espírito Santo.

“A CSU segue na carteira porque nós procuramos a Vale, e a companhia afirmou que não desistiu do projeto”, explicou o presidente do Instituto Jones dos Santos Neves, José Edil Benedito.

O mesmo não ocorre com a Ferrovia Litorânea Sul, que, no projeto original, levaria o minério de Tubarão para abastecer os fornos da siderúrgica em An-



DIVULGAÇÃO

Projeto mostra perspectiva da CSU: no cronograma, obras começariam em 2011

chieta. “Será substituída pela EF (estrada de ferro) 118, que virá do Rio de Janeiro para cá e será concedida à iniciativa privada”, disse o secretário de Desenvolvimento, Nery De Rossi.

Outro grande projeto que está na carteira é o Complexo Gás-Químico de Linhares, um investi-

mento de US\$ 4 bilhões que a Petrobras fará em Linhares. Pelo cronograma da companhia, o início da operação se dará em 2017. “Está na nossa carteira e na da Petrobras”, brincou o secretário.

Com relação a projetos que foram anunciados e não saíram do papel, Nery

e Edil deram uma série de argumentos. O primeiro é o fato de a crise econômica mundial, iniciada em setembro de 2008, ter retardado vários aportes. Além disso, eles citam a dinâmica normal do mercado e a substituição de investimentos.

“Veja o caso da Petrobras,

uma empresa que publicamente passa por problemas de caixa. Havia um projeto para construção de um terminal, em Ubu, para suprimento das atividades marítimas de exploração óleo e gás. O projeto vinha sendo estudado, mas duas empresas especializadas no assunto, Edison Chouet e Itaoca Offshore, anunciaram empreendimentos com a mesma finalidade em Itapemirim. Nada mais natural do que usar esses serviços e canalizar os recursos para outras necessidades. O mesmo ocorre com a Ferrovia, que poderá usar o espaço do Porto Central para escoar o seu minério”, explicou Nery.

CONCESSÕES

Sobre a possibilidade dos investidores afastarem-se do Estado por conta da pressão popular que o governo vem sofrendo para romper o contrato de concessão da Terceira Ponte com a Rodosol, o secretário se mostrou des-

AINDA PREVISTO



“A Companhia Siderúrgica de Ubu segue na carteira porque procuramos a Vale e a companhia afirmou que não desistiu do projeto”

JOSÉ EDIL BENEDITO
PRESIDENTE DO
INSTITUTO JONES

preocupado.

“Vejo um processo no sentido contrário. Nas últimas semanas o primeiro e o segundo colocados do leilão da 101 se associaram e já disseram que a 262 interessa. Este movimento mostra que os investidores não estão tão preocupados assim”.